



(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director e Proprietário: — Dr. Manuel Marques dos Santos
 Empresa Editora e Tip. União Gráfica, Travessa do Despacho, 16 — Lisboa

Administrador: — Padre Manuel Pereira da Silva
 Redacção e Administração: Seminário de Leiria

CRÓNICA DE FÁTIMA

Fátima, oasis de encanto em triste deserto, jardim de delícias em terra de pranto

Os actos religiosos officiaes

No dia treze de Fevereiro, os actos religiosos officiaes comemorativos das aparições e dos sucessos maravilhosos realizaram-se na forma do costume.

A-pesar do frio intenso que fez durante todo o dia e do espesso nevoeiro que nas primeiras horas da manhã envolveu a serra de Aire num manto alvissimo que os raios do sol a breve trecho desfizeram como que por encanto, a concorrência dos fiéis, não só das povoações circunvisinhas, como ainda de várias terras distantes, foi bastante numerosa, se se atender a que se estava em pleno coração do Inverno.

Desde alta madrugada, muitos sacerdotes ocuparam os confessionários da Penitenciária para ouvir as confissões dos peregrinos que desejavam aproximar-se da mesa eucarística. Sob um céu sem nuvens e à luz dum sol esplêndido, efectuaram-se as duas procissões de Nossa Senhora. Depois da missa dos doentes, seguida da bênção com o Santíssimo, subiu ao púlpito o rev.do Augusto de Sousa Maia, distinto professor no Seminário de Leiria, que, pelo espaço de meia hora, falou com calor e entusiasmo sobre a devoção à Santíssima Virgem.

Sem revestirem a imponência e a grandiosidade que lhes imprime a presença das grandes multidões, como sucede na Primavera e no Estio, as cerimónias do dia treze durante a estação invernos, são impregnadas duma piedade e duma unção particulares, que as tornam justamente mais queridas de muitas almas. Porém contraste singular, Fátima, a gloriosa Lourdes portuguesa, é, mais que nunca, nessa quadra áspera e agreste, um oasis de encanto em ermo maldito, um jardim de delícias em terra de pranto.

Peregrinação Noelista

Nos dias 1 a 9 de Fevereiro último, sob a presidência de honra de Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, e com a presença do rev.do Marie-Etienne (Noellet), realizou-se em Lisboa o primeiro Congresso Nacional Noelista Português.

Um dos números mais interessantes do bem elaborado programa do importante Congresso foi, sem dúvida, a Peregrinação Noelista ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima, que decorreu na melhor ordem e com o mais vivo entusiasmo.

Esta piedosa romagem realizou-se no dia 3, tomando parte nela muitas Noelistas de Lisboa e dos diferentes núcleos do País — do Porto, Coimbra, Estoril, Faro, Évora, Portalegre, Tomar, etc.

Com elas foram também muitas pessoas de suas famílias. Acompanharam a pere-

grinação os rev.dos Marie-Etienne e monsenhor cônego António José Moita.

Durante o percurso cantaram-se diversos cânticos religiosos.



S. JOSÉ

Modêlo dos operários, dos chefes de família cristãs e protector da Igreja. O Santo Padre Pio XI recomenda a todo o mundo uma cruzada de orações no dia de S. José, no dia 19 do corrente, a favor da Rússia tão pavorosamente perseguida e oprimida na sua consciência, parecendo que todas as potências do inferno se voltaram contra ella. O Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Bispo de Leiria, recomenda, além disso que na peregrinação de hoje a Fátima, os fiéis orem principalmente por esta intenção.

A partida efectuou-se às 9 horas. Na viagem de ida, as Noelistas visitaram em Santarém o Seminário Patriarcal e em Tomar o Colégio das Missões e o Convento de Cristo.

Em Fátima, na Cova da Iria, presidiu aos actos religiosos Sua Ex.^{cia} Rev.^{ma} o Senhor D. José Alves Correia da Silva, venerando Bispo de Leiria, que celebrou a Santa Missa, ministrou a Sa-

grada Comunhão e deu a bênção com o Santíssimo. A Comunhão, o Senhor D. José dirigiu algumas palavras às peregrinas, incitando-as à prática da piedade.

Depois da missa as Noelistas renovaram a sua consagração a Nossa Senhora e em seguida houve procissão, fazendo no fim o rev.do Noellet uma alocução apropriada. Seguiu-se o almoço, findo o qual os peregrinos se dirigiram à Batalha, onde visitaram a igreja e o mosteiro. Depois de acompanharem a Leiria o venerando Prelado, partiram para Mafra, onde visitaram a Basílica e o Convento, regressando a Lisboa pouco depois da meia-noite.

As piedosas peregrinas ofereceram a missa de Comunhão geral em Fátima pelos progressos da Obra Noelista em Portugal.

Peregrinação Nacional Vicentina

Do diário Católico de Lisboa «Novidades», número de 18 de Fevereiro, transcreve-se a seguinte local subordinada à epígrafe «Peregrinação Nacional Vicentina a Fátima»:

«Já hoje podemos dar mais alguns pormenores sobre esta peregrinação. Como já dissemos, não é uma peregrinação dos Vicentinos desta ou daquela Diocese. É uma peregrinação dos Vicentinos de todo o País, de iniciativa do Conselho Superior das Conferências de S. Vicente de Paulo, que delegou no Conselho Particular de Lisboa a sua reorganização. O Conselho Particular de Lisboa nomeou por sua vez uma comissão para juntamente com o seu Presidente organizar não só tudo o que se prende com a peregrinação desde a sua chegada a Fátima, como também o transporte dos peregrinos de Lisboa e do Sul do País, que se lhes queiram vir juntar.

Conforme já anunciamos a peregrinação realiza-se nos dias 3 e 4 de Maio (feriado e Domingo). Os peregrinos de Lisboa seguirão em comboio especial no dia 3 à tarde, de forma a chegarem a Fátima cerca das 19 horas.

Os peregrinos dos restantes pontos do país deverão também chegar a Fátima pouco mais ou menos à mesma hora, pois os exercícios começarão às 21 horas, com a reunião de saudação aos peregrinos.

Somos também informados de que o Conselho Superior promoveu a organização de comissões no Porto, em Coimbra, em Tórres Novas e noutras localidades, para tratarem do transporte dos peregrinos das regiões das suas Conferências. Os que unicamente necessitem da organização de transportes em camionetes de Tórres Novas ou do Entroncamento para Fátima, encontrarão no nosso amigo Dr.

Carlos de Azevedo Mendes, presidente do Conselho Particular de Tórras Novas, o auxiliar necessário, pois sabemos que aquele confrade desde a primeira hora pôs todo o seu valioso préstimo à disposição da Comissão Delegada do Conselho Superior, para tudo o que fosse necessário.

Brevemente contamos poder dar o programa completo dos exercícios religiosos, pois convém frisar que esta peregrinação, sendo exclusivamente para Vicentinos, suas famílias e subscritores das Conferências de S. Vicente de Paulo, tem um cunho profundamente espiritual.

Como também já dissemos, a inscrição para os peregrinos de Lisboa encontra-se aberta desde o dia 1 do corrente, podendo a inscrição ser feita na Igreja do Coração de Jesus (diariamente das 8 às 12 horas) ou por carta dirigida ao Tesoureiro da Comissão, o nosso amigo Mendes Simões, Rua Renato Baptista, 67 1.º.

A comissão pede-nos que frisemos a conveniência e necessidade de todos se inscreverem desde já para maior facilidade nos trabalhos de organização.

Somos também informados de que no dia 4 de Maio, depois de terminados os exercícios da peregrinação, reunir-se-há em Fátima a Assembleia Nacional Vicentina, cuja organização está a cargo do Conselho Particular de Tórras Novas, fechando assim com chave de ouro a Peregrinação Nacional Vicentina a Fátima de 1930.

No número de 31 de Janeiro do mesmo jornal lia-se o seguinte:

«Na peregrinação só tomarão parte, conforme temos dito, os vicentinos, suas famílias e os subscritores, devendo estes apresentar a respectiva cota, sendo ainda obrigatória a inscrição por pessoa e não por famílias ou pessoas agrupadas sob um só nome.

Na data da inscrição deverá o peregrino entregar esc. 30\$00, completando a verba total com duas entregas de 25\$00 a satisfazer em 1 de Março e 1 de Abril, salvo se a inscrição for posterior a qualquer destas datas, pois neste caso a entrega compreenderá a inscrição e as prestações já vencidas. Isto, porém, acarreta dificuldades na organização dos trabalhos, pelo que é da maior conveniência que todos se apressem a fazer a sua inscrição a partir do dia 1 de Fevereiro.»

Fátima na Bélgica

O grande hebdomadário belga de Bruxelas «La revue catholique des idées et des faits», no seu número de 17 de Dezembro último insere um longo e magnífico artigo sobre Fátima, devido à pena do grande apóstolo da Lourdes portuguesa no estrangeiro, o rev. G. Pizarro, S. J. Esse primoroso trabalho, que tem por título «Les apparitions de la Sainte Vierge à Fátima au Portugal» e ocupa sete colunas da importante revista, constitui a história completa, embora resumida, das aparições e dos sucessos maravilhosos de que tem sido teatro a serra de Aire. Em outros tantos quadros, o autor do artigo passa sucessivamente em revista, a largos traços, as diferentes scenas das aparições, o fenómeno solar, as perseguições oficiais e particulares, as grandes e pequenas romagens, as manifestações de Fé e piedade, as obras na Cova da Iria, a acção dos servos e das servas de Nossa Senhora do Rosário, o projecto da futura cidade e o destino de Lúcia de Jesus e dos seus primos. Três esplêndidas gravuras ilustram o texto: a de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, a dos videntes e a da segunda procissão da Virgem no dia 13 de Maio do ano passado, em que se vê atrás da estátua o venerando Prelado de Evora.

Noutra revista do mesmo país, «Le blé qui lève» também hebdomadária, órgão oficial da Associação Católica da Juventude Belga, o mesmo escritor publica, no número correspondente ao dia 6 de Fevereiro último, um artigo, igualmente extenso e primoroso, com o título «Notre-Dame de Fatima, au Portugal» ilustrado com idênticas gravuras.

Bem haja o distinto jornalista que, longe da pátria querida, em boa hora se constituiu pregoeiro das maravilhas de Fátima, tornando conhecidas ao perto e ao longe as glórias sem par da Rainha do Céu que são também glórias, as mais puras e as mais belas, de Portugal, a terra privilegiada de Santa Maria!

Fátima na Itália

Duma carta do aluno do Colégio Por-

tuguês em Roma, sr. Joaquim Carreira da diocese de Leiria, para o director espiritual do Seminário da mesma diocese, rev. do Arnaldo de Magalhães, reproduz-se a seguir um trecho interessante acerca dos incidentes do transporte na cidade eterna da linda estátua de Nossa Senhora de Fátima, feita e oferecida pelo escultor sr. José Ferreira Tedim para o altar-mor da nova capela do Colégio.

«Como talvez já sabe, inaugurámos no dia 8 a estátua de Nossa Senhora de Fátima, que foi benzida pelo Papa na manhã do dia 7. Agora, que a temos no nosso altar a velar sobre nós, a nossa oração será mais fervorosa e mais proveitosa o nosso trabalho de cada dia.

E que dizer da linda imagem?

— Que é linda, linda linda!...

Se a imagem assim é, que não será a realidade?... A meu ver, êste é o melhor elogio que se pode fazer desta obra, que tanto honra o seu autor. Ela tem o condão de cativar os corações de quantos a contemplam... Parece a realidade. Quere provas? Vamos a elas, que são interessantes.

Não falo nos alunos ou nos amigos familiares de Nossa Senhora de Fátima, porque a êsses, o amor apaixonado que consagram à Mãe de Deus, poderia diminuir um pouco o valor das suas apreciações sobre a imagem que a representa; pois é certo, que os corações amantes não notam os defeitos do objecto amado. Não quero dizer com isto que Nossa Senhora tenha defeitos. Absit! Mas qualquer das suas imagens os pode ter. Os carregadores, que a transportaram ao Vaticano, não se cansavam de a admirar, e diziam: «Quanto é bella!... E veramente un capo lavoro! In Italia non si fa cosa come questa». E o cuidado com que êles a tratavam, desde que foram cativados por aquele olhar tão bondoso e meigo! (Porque ao princípio, quando se tratava de a descer de casa para o carro, pareciam uns verdadeiros fariseus, acostumados só a lidar com ferro!) Ao chegar ao Vaticano, repete-se a mesma scena com os empregados que lá trabalham (porque êstes é que a deviam levar às salas do palácio, onde havia de ser benzida pelo Papa). No princípio parece que não sabiam também o que fosse delicadeza. (E os primeiros já não estavam nada satisfeitos com aquela sem-ceremónia, dizendo-nos: «Olha como êles a tratam... Estão piores do que nós...»). Mas tudo mudou num instante. Começam a examinar atentamente o nosso Tesouro, e ficam presos, coitados! E perguntavam: «Que santa é? Oh! quanto é bella!... Onde foi feita? Para onde vai?» E nós (os 3 leirienses com o Sr. Vice-Reitor) respondíamos que era a Senhora do Rosário de Fátima, que era obra feita em Portugal, e que vinha ali para ser benzida pelo Papa, devendo em seguida voltar para o nosso Colégio. E em poucas palavras (não havia tempo para mais!) descrevíamos a história das Aparições.

E lá passava mais um sacerdote, uma senhora, um cavalheiro. Examinavam, fazendo as mesmas perguntas e os mesmos comentários. Admiravam principalmente a expressão do rosto. «Ha proprio una espressione devota... Sembra che parli!» dizia um cavalheiro, todo entusiasmado. Até nos dava vontade de rir dom a satisfação do homenzinho. Mais espantados ficavam quando se lhes dizia que era feito de madeira tudo aquilo (Porque em Itália os escultores não trabalham em madeira; é especialidade portuguesa).

Por aquele dia (6) a Senhora lá ficou no Vaticano, e nós voltámos para casa, ansiosos por que chegasse depressa o dia seguinte para a vermos de novo no Colégio.

Quando o Sr. Vice-Reitor chegou ao Vaticano no sábado à tarde para a ir buscar, encontrou um rancho de operários (nada menos de 10) todos contentes à volta da Imagem. Isso é que êles estavam satisfeitos!

Quando chegou ao Colégio, era quasi noite. Estava o Sr. P. Fonseca com os aparelhos todos preparados para tirar umas fotografias à Senhora antes que ela fôsse posta no nicho, o que ainda fez, a-pesar de a luz não ser já muito abundante. (A primeira ficou muito nítida; mas por desgraça houve um engano com as chapas: julgando que metia uma grande, meteu uma mais pequena. O resultado foi saír a Senhora com a cabeça cortada. Da testa para cima, ficou tudo fora. Paciência.)

Enquanto a estátua ali esteve no pátio, não se acabavam os admiradores. Era gente que vinha às janelas; eram os in-

quilinos que se chegavam ao pé da Senhora. As mães com os filhinhos, etc. Achei muita graça a um petiz dos seus 4 anos, que, chegando-se à janela e dando com os olhos na Imagem, tira o boné da cabeça e ali fica muito sério até nos retirarmos com ela. E olhe que deve ter estado ali bem perto de meia hora. Naturalmente pode aplicar-se a esta criança a história do passarinho, que, com o seu doce cantar, entreteve um monge durante cem anos, os quais lhe pareceram uma hora. (A história é do Bernardes).

Tiradas as fotografias, lá vamos nós com a Senhora pelas escadas fora, até à capela. Já ela estava no nicho do Altar-mor, quando ali chega o médico da Casa, Dr. Proli. Este, assim que a viu, bate as palmas, dizendo ao mesmo tempo: «Oh! che bella Madonna!» E desfazia-se todo em elogios. Claro está que apanhou logo uma injeção boa sobre as Aparições de Fátima!

Vem depois a festa da inauguração. As 11 horas, missa cantada, a que assistiram algumas pessoas de fora, entre as quais o Sr. Dr. Trindade Coelho e Ex.^{ma} esposa, a qual ofereceu uma linda toalha para o altar de Nossa Senhora, cuja renda e bordado é obra só das suas mãos.

À tarde houve a Academia, cujo programa lhe envio. Todos quantos assistiram à Academia foram ver o nosso tesouro, gostando imenso. Vieram dois professores da Gregoriana: os Rev. dos P. Van Laak e P. Mostaza. Este último dizia-me que, a avaliar pelas fotografias que tinha visto, esta estátua é mais bonita que a da Fátima.

Já cá vieram alguns brasileiros visitá-la, e outros (de vários colégios e nações) querem vir também.»

Visconde de Montelo

Exercícios Espirituais na Fátima

Em 13, 14 e 15 de abril haverá êste ano um turno de exercícios espirituais na Fátima principalmente para as senhoras *Servitas* e mais algumas outras que também quizerem inscrever-se previamente, podendo, para isso, dirigir-se ao Rev. mo Sr. Dr. Manuel Marques dos Santos — Seminário de Leiria.

Uma flôr... Eucarística

Aquele quadro terno do Evangelho convidando as criancinhas para os seus braços e repreendendo os que dêles se afastavam parece repetir-se com Pio X quando convidou e chamou os pequeninos a alimentarem-se de Jesus e a lançarem-se nos seus braços para os estreitar contra o Coração que tanto os ama.

Uma dessas almitas que fez as delícias de Jesus ao entrar pela primeira vez em seu pequenino coração quando tinha apenas três anos e levada por Ele para junto dos outros anjos do céu na idade de quatro anos e meio, foi a menina Ema Mariani, nascida em Lucca, na Itália, a 6 de novembro de 1911, falecida a 26 de julho de 1916.

A sua vida não foi mais que uma visita de olhos rápida para a terra, voltando imediatamente para o Céu.

Breve como uma flor de primavera mas que deixou atrás de si o aroma celestial da graça e das virtudes a embalsamar este triste deserto da vida.

Aos dois anos começou a dar sinais manifestos da obra extraordinária da graça na sua alma, e da sua atracção pela Santa Eucaristia, unida ao respeito e veneração devida a tão grande Sacramento.

Um dia, indo na companhia habitual de sua tia, esta, por distração cuspiu no soalho da igreja. A pequenina Ema viu e advertiu: «na igreja não se deve cuspir, porque está cá Jesus na sua casita de ouro (referia-se ao Sacrário) e Jesus é Deus.»

Algumas vezes indo pela rua e sem ver nenhuma igreja, a pequenina amiguinha de Jesus dizia para quem a acompanhava:

«Sinto um cheirinho tão bom de Jesus. Ele está aqui perto, mas onde será que não vejo igreja nenhuma?» E olhando em roda com os seus olhinhos puros e inocentes, continuava: «Não vejo nenhuma igreja mas Jesus deve estar aqui perto porque sinto o cheiro a Ele». E logo

que descobria a igreja corria a ajoelhar-se em frente dela, adorando a Jesus e mandando-lhe beijos com a sua mãozita.

Um dia achando-se numa igreja onde estava exposto Jesus pelas Quarenta Horas, a sua tia, depois de ouvir Missa e rezar as devoções do costume, convidou-a a irem-se porque era tarde. A pequena ajoelhou-se fazendo como de costume uma grande inclinação, ficando naquela posição de mãos juntas cerca de dez minutos. Chamada várias vezes não deu sinal de ouvir; por fim, moveu-se um pouco, fez o sinal da cruz e, como se respondesse a alguém, disse: «Sim, sim, farei sempre assim». Mandou um beijo a Jesus, inclinou-se de novo profundamente, beijou a terra e voltando-se para a tia, diz-lhe:

— «Porque está aí tão direita? Porque não se ajoelha e beija a terra?»

— Porquê? (observou a tia).

— E ainda me pergunta porquê? (respondeu a menina quasi a chorar). Não sabe que está ali Jesus? Não o vê? Não o sente? Ajoelhe: Não sabe que Jesus é Deus? Deus é grande, sabe? E nós somos pequenos, pequenos assim, e (baixando a mão quasi até ao chão), acrescentou: «assim, assim, vê? E Jesus é Deus, é alto, alto (e levantou o braço quanto pôde) alto assim, chega até ao Céu. E' preciso ajoelhar-mo-nos e humilharmo-nos perante Ele. Ajoelhe e beije».

— Eu já fiz isso, vamos que é tarde, replicou a tia. Então a pequena deu um grande suspiro, lançou um olhar a Jesus e exclamou: «Pobre Jesus (e voltou a suspirar) mas eu quero-te muito, muito». Mandou com a mão outro beijo a Jesus e levantou-se para se ir.

Quando lhe perguntavam quem lhe ensinava estas coisas respondia: «Ninguém, sinto-as aqui dentro (e apontava para o coração). Disse-mas Jesus! Ele diz-me tantas coisas!»

Um dia, quando ela tinha ainda só três anos perguntaram-lhe se Deus via tudo e a menina respondeu com toda a franqueza: «Sim, vê tudo, até mesmo aqui dentro (e indicava a testa)»

— E que tens tu aí?

— O que tenho? Olha: tenho uns pensamentos.

— E quantos são?

— Um só: penso em Jesus.

Depois de reflectir um pouco acrescentou: «Um só não. Tenho tantos!! Pense em Jesus, penso no Paraíso, penso na *Gratia Plena* (na Santíssima Virgem), nos anjinhos belos, nos santos... penso em tantas coisas lindas, todas de Jesus... Jesus na casinha de ouro, no doce Coração, quando está com a coroa de espinhos...»

Freqüentemente dizia que queria muito a Jesus, que queria ser sempre d'Ele e que tinha na boca muitos beijos grandes, muito grandes mas para dá-los só a Jesus.

Antes de ter três anos completos pediu com insistência a sagrada Comunhão. Foi examinada a respeito do que sabia sobre êste divino Sacramento e deu tais respostas que assombavam mostrando um conhecimento tão profundo deste mistério inexplicável naquela idade vendo-se que o seu mestre era o mesmo Cordeiro immaculado que lhe apraz viver entre assucenas e faz as suas delícias em viver com os simples e pequeninos.

Depois de ter pedido, chorado e sofrido muito por lhe dilatarem a Comunhão, foi-lhe finalmente concedido comungar pela primeira vez no dia 18 de novembro de 1914, com uma piedade e devoção que assombavam lendo-se no seu rosto uma satisfação inexplicável.

Sendo de natural viva gostava de brincadeira como tôdas as crianças, se não mais ainda, mas quando estava deante de Jesus parecia outra, parecendo um anjito, absorto, extático, penetrado e enamorado de Jesus.

O dia da sua primeira Comunhão foi um contínuo colóquio com Jesus. — Falou pouco e só de Jesus e com tanto afecto que enternecia. Não quiz brincar em todo o dia, senão que sóinha se retirava para algum sitio escondido em uma posição como de êxtase, cabeça inclinada, mãos cruzadas sobre o peito, ouvindo-se responder baixinho.

No futuro o caso repetia-se com frequência.

Uma noite, numa destas ocasiões, moveu-se de repente e começou a chamar com força: «Tia, tia, esta manhã tive aqui o menino Jesus e agora ainda o cá

AS CURAS DE FÁTIMA

Um tumor.

Maria Matilde, de S. Martinho — Ari-eiro, escreve o seguinte.

«Tendo eu feito uma operação no lado direito, em 1926, de um tumor e ficando boa, em 1929 começou novamente a inchar e ao mesmo tempo sobreveio erisipela. Já não podia vestir a manga porque tinha de aplicar os remédios.

Eu muito me afligia sem poder trabalhar e a minha família vivia triste em me ver assim.

No dia 12 de Junho de 1929 fui ao médico Drom, e examinando disse-me que era preciso desinchar para ver então se era preciso aplicar o raio X. Os remédios foram em vão. Nada me fez bem.

Deixei de fazer o tratamento que o médico mandou. Por fim já não podia ir à missa.

No dia 5 de Julho, primeira sexta feira do mês, não podendo assistir às cerimónias que se faziam na Igreja, fui no fim receber N. Senhor, não me podendo demorar com dores no braço.

No dia seguinte, primeiro sábado do mês, consagrado a N. Senhora, estava peor. Deixei-me ficar na cama enquanto minha família foi para a missa. Levantei-me e fui a casa duma vizinha, Maria Augusta de Freitas, que há tempos tinha sofrido uma erisipela na perna. Mostrei o braço e ela ao vê-lo disse-me que eu ia sofrer muito. Fiquei triste em ver que já ia nos quatro meses e me via cada vez peor.

Minha irmã, ao ver-me triste, disse-me que lavasse o braço com água de Fátima.

Minha mãe foi à farmácia comprar os remédios precisos para o braço e eu voltei para o meu quarto. Minha irmã veio-me lavar o braço com água de N. S. e deu-ma também a beber, nesta ocasião fui em espírito para Fátima junto de Nossa Senhora. Nesta ocasião fui ficando sem forças, toda fria, ouvia mas não podia falar. Foi neste momento que senti N. Senhora curar-me.

Não posso descrever o que se passou no meu coração.

Quando minha mãe chegou a casa já eu estava curada, mas fiquei em silêncio sem dizer nada. No dia seguinte de madrugada chamei por minha irmã e disse-lhe: anda ver o meu braço; N. Senhora curou-me. Levantando-se e encontrando-me curada foi grande a alegria que sentia e voltou ao quarto dizê-lo aos meus pais que ainda dormiam.

Ao ouvirem esta notícia começaram a agradecer à nossa Mãe do Céu.

Minha irmã mandou fazer uma novena em honra de N. Senhora de Fátima e eu prometi anunciá-la na *Voz da Fátima* para dar honra à nossa querida Mãe do Céu.

Uma ferida de 30 anos.

Manuel Francisco Andriano, de Maceira (Leiria) envia o seguinte relato:

«Com o maior prazer e contentamento venho, por meio da «Voz da Fátima» tornar público, como prometi, a cura que obtive por intermédio de N. Senhora do Rosário da Fátima duma nascida que tive durante 30 anos, além de outras graças temporais. Tendo consultado vários médicos, entre eles os Srs. Drs. Rivot de Caxias, e o Dr. Vasconcelos de Paço de Arcos, e mais alguns clínicos, que me mandaram lavar a nascida com borato de soda, não obtendo resultado nenhum. Um dos clínicos ainda tentou receitar-me unguento, sem resultado. Quando notei que por efeito da nascida, principiava a inchar, deixei os remédios temporais e voltei-me para N. Senhora do Rosário começando uma novena e prometendo manda-la publicar, caso melhorasse.

No dia 12 de Outubro, tratei dos preparativos para partir para Fátima às 5 horas da manhã e fiz a viagem agarrado à capota do camion por me não poder sentar. A volta de Fátima vim já sentado e esqueceu-me completamente a nascida, pois já não existia, e estava curado, graças à Mãe Bendita, N. Senhora do Rosário de Fátima. Louvores à Virgem Imaculada que veio a Fátima para consolação e alívio dos pecadores.

Quando o meu filho mais velho, como militar, teve que ir lutar pela Pátria, para a França recomendei-lhe que se lem-brasse sempre de N. Senhora com algu-

ma oração, e graças à Mãe do Céu, voltou são e salvo, depois de muitas lutas e combates. Ele não levava madrinha de guerra, mas eu disse-lhe que tomasse como madrinha N. Senhora e Ela o salvou e livrou de todos os perigos e mo restituiu são e sem a mínima beliscadura.

Outra graça: Tenho alguns filhos e netos; o meu filho teve a infelicidade de lhe aparecer nos filhos a tosse convulsa; e lembrou-se de, com fé, fazer uma novena a N. Senhora de Fátima. Ao terceiro dia dissipou-se a tosse aos que a tinham e não deu aos restantes irmãos.

Eu tenho a devoção de propagar a devoção a N. S. do Rosário de Fátima e destruíbo jornais todos os meses, mas, alguns dizem-me — Isto é para a fita de dizerem que vão doentes e voltam sãos. A mim, graças à Mãe do Céu, N. Senhora do Rosário, foram-me concedidas todas as graças que deixo mencionadas, e outras que deixo de mencionar para não tirar muito lugar no jornalzinho. Muitas graças sejam dadas a N. Senhora do Rosário da Fátima porque a minha ferida que tive e incomodou durante 30 anos desapareceu completamente.»

Uma conversão.

Sara Ivens Ferraz Maia de Loureiro, (rua Luiz de Camões — Lisboa) em carta de 29 de Dezembro 1929, diz-nos o seguinte:

«Rev.º Padre

Cheia de gratidão, venho por este meio, agradecer a Nossa Senhora do Rosário de Fátima, a conversão duma pessoa de família, à hora da morte. Não sabendo como abordar o assunto «confissão» procurei maneira de lhe pôr ao pescoço uma medalhinha de N. S. de Fátima; depois de me ter referido por alto á consolação que eu sentia, na frequência dos Sacramentos.

Durante dias comunguei pela sua conversão.

Foi-me impossível voltar a sua casa; e quando soube da sua morte, nem me atrevi a perguntar, como tinham sido os seus últimos momentos. Quando me disseram que ele, dias depois da minha visita se confessara e recebera todos os Sacramentos, senti uma alegria e uma gratidão tão grande, que resolvi recorrer a Maria sempre que se me apresentem casos idênticos.

Ainda hoje, me parece mentira, uma tal conversão: tão difícil ela me parecia!

Se a minha devoção a Nossa Senhora do Rosário de Fátima era grande, hoje é muito maior.

Agradecendo a publicação destas linhas, sou com toda a consideração».

Reumatismo.

Almerindo Pioôto, de Caluquembe (Angola) envia a seguinte carta:

«Ex.mo e Rev.mo Snr.

E! na qualidade de Director de o jornal *Voz de Fátima*, que cá de muito longe, deste belo rincão chamado Angola, que eu peço licença para me dirigir a V. Ex.ª Reverendíssima, para lhe rogar que no mesmo jornal seja inserido mais um milagre que a Virgem Nossa Senhora do Rosário de Fátima me acaba de fazer e pelo qual estou rendendo as minhas graças de fiel católico.

Há pouco mais de 2 meses, uma irmã minha, sabendo da minha particular devoção para com a nossa Mãe do Céu, teve a genial gentileza de me enviar alguns números do grande arauto dos milagres da Virgem, a *Voz de Fátima*.

Fiquei maravilhado com tanto milagre! E eu que desconhecia o jornalzinho!...

Algum tempo após a recepção dos jornais, de uma estampa e medalhas da Virgem, minha filhinha de quatro e meio anos adoeceu com reumatismo, inchando-se-lhe as perninhas e os pés. Sem medicamentos de espécie alguma com que lhe atenuasse tão horrível sofrimento e longe de qualquer socorro (precalços da vida sertaneja), como já não podia ouvir gemer minha filhinha, lembrei-me de recorrer à Mãe dos Aflitos, para aliviar as dores da criança.

Enquanto eu, cheio de Fé, implorava o socorro Divino, com a Bendita Estampa toquei as partes doentes e fiz com que a pequena a beijasse.

das costumadas efusões de amor o Menino Jesus quiz favorece-la com uma graça especialíssima vindo aos seus braços e conservando-se neles não só na igreja mas até pelo caminho. Efectivamente ao ir para casa levava o bracito direito na posição de quem leva ao colo uma criança, enquanto o acariciava como a outra.

A pequenina Ema confessou também com toda a ingenuidade que o Menino lhe dissera coisinhas muito lindas e o levaria brevemente para junto dos outros anjinhos.

Como acto de agradecimento pediu para lhe escreverem por detraz duma estampa do Menino Jesus o seguinte:

«Meu querido Jesus:

quando eu estiver para ir para o Paraíso quero que esta estampa se me ponha sobre o peito porque vos quero sempre comigo, Jesus querido. Tua Ema, de três anos.»

Foi igualmente muito devota do Sagrado Coração de Jesus e todos os dias lhe ia fazer uma visita ao seu altar. A visita do Coração de Jesus coroado de espinhos a comovia sensivelmente desejando que aqueles espinhos estivessem antes no seu coração. Tinha frequentemente a sua estampa nas mãos, enchendo-a de beijos especialmente quando alguma dor mais forte a incomodava, resignando-se prontamente em qualquer sofrimento.

A sua devoção principal, porém, era á Paixão de Jesus. O pensamento de que Jesus sofria a transformava visivelmente deixando-a absorta, quando não podia fazer a via-sacra pedia o livro e olhando para os quadros da Via-Sacra ia-os passando todos pela vista, parando um instante.

Não sabia lêr e quando lhe perguntavam como é que meditava apontava com o dedo os quadros da Via-Sacra e dizia:

«Vês? Jesus caiu! Pobre Jesus! Não pode mais. Está debaixo da Cruz e os maus o estão agarrando. Pobre Jesus, quanto sofre! Ele não chora nem se queixa porque é bom. Eu queria levanta-lo mas não posso. Mas em troca, digo-lhe tantas cozinhas tão bonitas... É que eu quero-lhe muito e peço-lhe que faça bons a estes maus que o atiram ao chão.»

Na recitação do Rosário preferia sempre os mistérios dolorosos. O seu amor a Jesus e a sua atracção para a Eucaristia e tudo o que lhe falava de Jesus era acompanhado duma terna devoção a Nossa Senhora a quem chamava a *Gratia plena* e a *minha mãezinha*.

Em um dia do mês de março de 1915 uma senhora lhe pediu para que rezasse para que a Itália não entrasse na guerra. Como a menina nada respondesse a tia ameaçou-a de a não deixar comungar se ela não promettesse pedir por essa intenção.

Respondeu então: sim, sim, peço e pedirei sempre, mas apesar de tudo haverá guerra.»

A senhora porém, não se contentando com esta resposta evasiva voltou a perguntar se a Itália entraria na guerra.

«Sim, sim (respondeu decididamente) daqui a dois meses a Itália entrará na Guerra.» Isto mesmo voltou a afirmar alguns dias depois deante de várias pessoas. Efectivamente, passados os dois meses, a Itália entrava na guerra.

Havendo-lhe alguém recomendado que pedisse uma graça especialíssima que parecia ter contra dificuldades insuperáveis ela respondeu que a pediria e que se alcançaria, o que voltou a confirmar antes de morrer. Assim aconteceu.

A última vez que se confessou foi a 7 de julho de 1916.

Querendo voltar nessa ocasião ao confessor por lhe ter esquecido qualquer coisa, a tia disse-lhe que isso ficava para a outra vez, ao que ela respondeu que era aquela a última vez.

Uma enfermidade que o médico não sabia explicar a ia minando e em breve tomou proporções alarmantes. Melhor diríamos que o fogo do amor divino sob a influência da Eucaristia, a ia consumindo e o seu debil temperamento não teve força para resistir à veemencia da Caridade divina. Foi à igreja a última vez no dia 10 de julho.

No dia 15 estava gravemente doente, com febre muito alta e nesse dia não podia estar quieta. Só socegou quando lhe prometeram que podia comungar na cama pois que (dizia ela) sem Jesus não posso suportar o mal.

No dia 26 foi fazer a sua comunhão ao Céu.

tenho (e apertava o coração com as mãos). «Esteve aqui todo o dia comigo e agora também está. Sente-lo? Move-se... Olha que calor tão grande! Queima (e pediu à tia que lhe puzesse a mão sobre o coração).» Depois afirmou que Jesus lhe dissera coisas muito lindas e que brevemente a levaria para o Paraíso. Queria comungar todos os dias e pedia-a com lágrimas. Fazia-o com tal modestia que movia à devoção indo pessoas à igreja de propósito para a verem. Nada a distraía, parecendo já gosar da visão beatífica. Depois de receber a Jesus inclinava a cabeça, cruzava as mãos sobre o peito como querendo segurar o seu Tesouro e assim ficava um bom quarto de hora.

A miúdo dizia que sentia muito calor sobre o coração mas que lhe sabia bem e com infantil ingenuidade queria que os outros experimentassem pondo-lhe a mão sobre o peito.

Não podia estar quieta um instante mas deante da *casita de ouro* (sacário) a sua imobilidade era completa.

De manhã, quando saía da casa para comungar, ia seria, silenciosa recolhida, não falava nem olhava para ninguém e se a sua companheira parava no caminho, ela a puchava pela mão para que andasse.

Tinha uma amiguinha de quem gostava muito e logo que a via ia a correr abraça-la, mas se a encontrava de manhã quando ia comungar nem sequer a saudava procurando-se esconder, dizendo baixinho à tia: «Vamos a Jesus, que é melhor; não posso esperar mais, quero comungar. Há tanto tempo que Jesus espera...»

Em junho de 1915 enquanto na sacristia se estavam preparando para uma devoção ao Sagrado Coração de Jesus a pequenina Ema ligeira, cheia de alegria franca, mas humilde e respeitosa, e acercando-se de um sacerdote, diz-lhe «Senhor Cónego, quere ir confessar-me?»

«Vou, sim, menina, mas espera para depois da devoção que vamos fazer (respondeu o sacerdote).»

«Obrigada (retorquin a pequena) e foi ter com a tia a quem explicou que tinha pedido aquele sacerdotezinho (e apontou-o com a mãozinha) para que a confessasse.»

Feita nesse dia a sua primeira confissão sacramental perguntou ao sacerdote se queria continuar a confessar-la.

Este, agradecido ao Sagrado Coração de Jesus que lhe mandara aquele anjo a seus pés, respondeu afirmativamente e perguntou se queria fazer a sua primeira comunhão.

«Já a fiz (respondeu ela) e comungo todos os dias mas até agora não me teem querido confessar.»

Dai por deante confessava-se invariavelmente todos os oito dias e se o não podia fazer ficava aflitíssima.

Superiores á sua idade eram também as disposições com que ia a este Sacramento. Escutava a voz do confessor como se fosse a do próprio Deus e o venerava mostrando-lhe respeito e gratidão e resando por ele. Ouvia com atenção os seus avisos e recomendações e o que ouvia uma vez cumpria-o integralmente sem necessidade que lho repetissem.

Quando voltava a confessar-se a primeira coisa que dizia era:

«Padre, fiz tudo o que ordenou e o farei sempre porque Jesus assim o quere. Não é verdade?» E sim, menina.

«Muito obrigada (dizia ela).»

Quando foi confessar-se a primeira vez disse-lhe o confessor que rezasse o acto de contrição.

«Não o sei (respondeu ela, confusa).»

Reza-o comigo, disse o confessor. Assim o fez com humildade e compunção.

«Minha menina (diz-lhe então o confessor) aprende-o que é preciso sabe-lo»

«Pois sim; á outra vez já o direi sôsinhas.»

Efectivamente quando voltou confessar-se, depois de pedir a bênção, disse logo: «Padre, já sei o acto de contrição»

Tinha uma grande devoção ao Menino Jesus, ao seu Sagrado Coração e á Paixão.

Todas as tardes ia a uma igreja onde se venerava um gracioso Menino Jesus a quem dirigia as expressões mais ternas, dizendo que lhe queria muito, muito, que lhe dava o coração e que lhe desse Ele o seu.

Uma tarde de janeiro de 1915 depois

Nesse dia já a criancinha passou mais socegada, embora ainda estivesse com as pernas e pés muito inchados.

Passados três dias — oh! Bondade Divina! — minha filha estava radicalmente curada, descia da cama sózinha e repleta de alegria, dizia: — «Papá, Mãe pode andar». De facto ela andava, brincava e corria, como se nada tivesse tido!

A Consoladora dos Aflitos havia ouvido a minha prece feita num momento aflitivo e curava milagrosamente minha filhinha, que por sinal é sua afilhada.

Nesse mesmo dia dei comêço à minha promessa — Novena n.º 2 — e, mais uma vez, certifiquei-me de que *todo* aquele que apele para a Virgem Nossa Senhora do Rosário de Fátima com verdadeira Fé, Ela, a Mãe de Misericórdia, jamais deixará de atender a súplica de qualquer dos seus filhos.

Glória e louvor a Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

Talvez que se não fosse o arauto dos milagres de Fátima, me não tivesse ocorrido tão repentinamente recorrer à Mãe do Céu! Abençoada lembrança de minha irmã e abençoado jornal, para o qual desejo longa vida cheia de prosperidades.

Desejava ardentemente assiná-lo, mas como fico a mais de 60 quilómetros da estação postal que emite vales, em tendo portador mandarei o numerário para duas assinaturas.

Como nunca desejei fazer nada pomposamente, pois a Virgem acolhe com maior solicitude os humildes, obsequie-me subscritar a notícia com o anagrama de meu nome — Almerindo Picóto...

Tumores.

Elisa Pereira Marques Costa, do lugar e freguesia do Paião, concelho da Figueira da Foz, venho muito reconhecida agradecer a Nossa Senhora de Fátima, e dar cumprimento a um voto, por uma graça obtida.

Dizem meus pais que pouco depois do meu nascimento comeci a sofrer de tumores, que vinham rebentando, em diversas partes do corpo e principalmente no ouvido esquerdo que de continuo purgava, exalando muito mau cheiro que não só a mim incomodava mas também às pessoas que comigo viviam.

Sofria de quando em quando fortes dores de cabeça. Fui diversas vezes a banhos do mar e das Caldas da Amieira sem obter resultado algum, como resultado não obtive de outros tratamentos médicos.

Vivia deveras muito desconsolada com tal incomodo que já julgava crónico visto resistir aos tratamentos durante 27 anos. Em dezembro de 1928 achei-me peor, pelo que aumentou o meu desgosto e diminuiu a esperança de melhorar com medicamentos. Então, cheia de fé e confiança em Nossa Senhora de Fátima, pedi-lhe muito a graça da minha cura, prometendo publicá-la no «Voz de Fátima», e de ir a Fátima agradecer-lhe nesse santuário bendito e dar para as obras o que pudesse.

Sofri ainda um mez e lavando o ouvido com água de Fátima, como que me esqueci de pedir, de nesse sentido rezar e... passado pouco mais de um mês, lembrando-me, achei-me curada!...

Como isto se desse ha mais de um ano e sem mais sentir sofrimento algum, venho agora radiante de contentamento eumpri a última parte da minha promessa, visto já ter cumprido as outras, para o que venho pedir a V. Rev.ª sr. P.e Silva, um cantinho do jornal de Nossa Senhora de que sou assidua leitora.

Aceite meus respeitos. Paião 27 de Janeiro de 1930.»

Intercollite.

Marla Vitória, de 19 anos, natural do lugar e freguesia do Reguengo de Fetal, sofria havia quasi dois anos de intercollite e não alcançando melhoras por meio de medicina, recorreu a N. Senhora da Fátima, que se melhorasse no espaço de três meses mandaria publicar a sua cura na *Voz da Fátima* para maior glória da N. Senhora do Rosário da Fátima.

12 de fevereiro de 1930.

Cegueira.

António Correia e Maria José Correia, de S. Martinho — Arieiro, informam o seguinte:

A 13 de Maio de 1927 N. Senhora concedeu uma grande graça a uma criança, seu filho, de dois anos porque estava cega, não vendo nada, e nem de dia nem de noite socejava. Foi um grande sofrimento que a criança passou durante cinco meses.

A mãe da criança ouviu dizer que se lavasse os olhos com água de N. Senhora de Fátima, talvez fosse curada.

Estava-se tratando com o médico mas os remédios não lhe serviam de nada, cada vez peor.

A mãe da criança foi a casa duma vizinha, a menina Maria Matilde para lhe dar uma coisinha de água de N. S. de Fátima com que lavou os olhos da criança.

No fim dos cinco-meses a criança melhorou, ficou boa e perfeita como era antes.

A mãe prometeu a publicação na *Voz da Fátima*, e como o médico não quis passar o atestado por isso o não mandou; mas agora envia este relato só para dar honra a Nossa Senhora de Fátima.

«Voz da Fátima»

Despêsa

Transporte...	194.806\$40
Papel, composição e impressão do n.º 89 (54.100 exemplares) ...	3.081\$70
Franquias, embalagens, transportes, gravuras, cintas, etc.	839\$85
	198.727\$95

Donativos vários

Reconhecendo-se a impossibilidade de trazer em dia (estava ano e meio atrasado) o registo das quantias enviadas pelos assinantes deste jornalzinho, renunciamos ao desejo de as publicar aqui, procurando acusar a recepção doutra forma. Publicaremos, no entanto algum donativo extraordinário que nos fôr enviado.

José Morais Jordão, por si e por outras pessoas da freguesia do Paião, 119\$00; Maria da S. Fernandes, 30\$00; Maria Isabel Couceiro, 65\$00; Augusto Marques Gouveia Pereira, 80\$30; Josefa de Jesus, 8\$80; Marcelino António, 14\$10; Malaquias da Silva, 50\$00 P.e Virgínio Lopes Tavares, 86\$00; P.e Benedito de Abreu Castelo Branco, 200\$00; Maria das Dóres Tavares de Sousa, 100\$00; Beatriz Valente, 22\$50; M. d'Oliveira, 110\$00; Joaquim M. de Sequeira, 100\$00; P.e António André de Lima, 100\$00; Bern. Weinschenk, 52\$50; P.e Candido Maia, 135\$00; Viscondessa de Baçar 140\$00; Maria Ângela, 127\$50; Maria Clara de Vilas Boas Potes, 150\$00; Maria do Carmo Pereira, 66\$50; Amélia Lopes de Mendonça (Salvaterra e Coruche), 183\$00; Manuel Nóbrega, 50\$00; Joaquim Pedro Junior, 50\$00; Maria Delfina Corte Real, 210\$00 P.e Francisco Carlos Nunes, 150\$00; Maria Filomena Macieira, 15\$00; Manuel Joaquim da Silva, 20\$00; directora do hospital de Alpedrinha, 20\$00; Monsenhor António Maria dos Santos Portugal, 101\$50; Clotilde de Almeida (Capela do Senhor da Vera Cruz), 40\$00; Maria Matilde da Cunha Xavier, da Igreja do SS. Coração de Jesus, de Lisboa, 30\$00; D. N. R. da Igreja de S. Mamede, 10\$00.

Um pensamento reconfortante

Um mau cristão (fala o Santo Cura d'Ars) não pode compreender esta bela esperança do Céu que anima e consola um bom cristão.

Parece-lhe duro e incómodo tudo o que constitui a felicidade dos Santos.

Com quem estaremos no Céu? Com Deus nosso Pai, com Jesus Cristo nosso irmão, com a Santíssima Virgem que é nossa Mãe, com os santos que são nossos amigos.

Se compreendessemos bem a nossa felicidade quasi poderíamos dizer que somos mais felizes que os santos no Céu.

Eles vivem dos seus rendimentos. Já não podem ganhar mais nada, enquanto que nós podemos a cada instante aumentar os nossos tesouros.

Não devemos, pois, considerar o trabalho mas a recompensa.

Um negociante não olha ao trabalho que lhe dá o seu comércio mas ao lucro que dele tira... Que são vinte anos, trinta anos comparados com a eternidade?

No mundo ignora-se o que é o céu e o inferno. O céu, porque se o conhecessemos quereríamos ir para lá a todo o preço deixaríamos de bom grado tudo. O inferno, porque se reconhecessemos o que é não ter por toda a eternidade o amor de Deus... quereríamos evitar essa desgraça custasse o que custasse.

Se um príncipe, se um imperador chamasse à sua presença um dos seus vassa-

los e lhe dissesse: «Quero que sejas feliz, fica comigo. Gosa de todos os meus bens, mas não queiras desagradar-me em tudo que fôr justo», que cuidado e ardor não empregaria este vassalo para fazer a vontade ao seu príncipe!

Pois bem! Deus concedeu-nos os mesmos benefícios e não nos importamos da sua amizade nem fazemos nenhum caso das suas promessas...

Como faz pena!... Que felicidade para os justos quando no fim do mundo, a alma embalsamada dos perfumes do Céu vier procurar o seu corpo para gosar de Deus por toda a eternidade. Então os nossos corpos sairão da terra como a roupa que foi passada pela barreira... brilhando no Céu por toda a eternidade.

Um feixe de notas e impressões

De perto e de longe

Da ilha de Santa Maria (Açores) que, pelo nome, deixa supor a fé e devoção Mariana dos seus habitantes, um ano após a inauguração duma ermida em honra de Nossa Senhora da Fátima, escreve-nos pessoa amiga a dizer-nos da união espiritual aos exercícios de devoção que realizam na Fátima todos os dias 13.

Julho de 1929

Tenho recebido os 50 números da «Voz da Fátima» cuja distribuição na ermida de N. Senhora da Fátima nesta ilha, é sempre esperada com ansiedade.

O culto de N. S.ª da Fátima nesta ilha vai num entusiasmo sempre crescente e deveras consolador.

No dia 13 de cada mês, de todas as freguesias desta ilha, numerosos grupos de fiéis animados de espírito de piedade e de penitência, em devota romagem resando o Rosário e entoando lindos cânticos de louvor à Virgem, acorrem à ermida de N. S.ª da Fátima, para ali unirem as suas orações e sacrificios às de milhares de almas que em tais dias se reúnem na estância privilegiada das Aparições. Com indizíveis sentimentos de piedade assistem à Santa Missa, acompanhando a recitação do terço e cânticos apropriados, e no momento da comunhão dezenas de pessoas recebem o Pão dos Anjos.

Terminada a Santa Missa tem lugar uma breve alocução, e finda esta, ressoam as enternecidas invocações a N. Senhora que a assistência vai repetindo, deixando depois aquele Padrão erguido em testemunho do intenso amor dos Marienses à Virgem Santíssima.

Perante estas manifestações de fé e piedade tão sentidas e grandiosas, chora-se de comoção.

•••

Esta é uma voz da África que nos chega através das expressões sentidas da pena gentil duma senhora portuguesa que ali vive em terras de Portugal Ultramarino. Faz bem ver assim irmanados no mesmo amor à Virgem tantas almas de filhos seus dispersos por esse mundo.

Lubango (Angola), Agosto de 1929.

Não imagina V. Ex.cia o bem enorme que vem espalhando a leitura do jornalzinho «Voz da Fátima» de que sou muito devotada assinante, pois a sua leitura amena e despretenciosa, as curas maravilhosas e extraordinárias obtidas por intercessão da nossa Mãe SS.ma, operam nos nossos espíritos, ávidos das cousas divinas, as maiores transformações. As graças obtidas pela sua intercessão, são numerosas, sendo algumas verdadeiramente extraordinárias.

Afastados como estamos centenas e centenas de quilómetros dessa estância gloriosa e bendita, necessário se tornava para a piedade dos fiéis, um altar com a Imagem da SS.ma Virgem, onde pudessem ir piedosamente a seus pés implorar a protecção de que carecessem, e em comum com os seus irmãos em Fátima, render-lhe as homenagens a tão excelsa Padroeira!

Mandámos então vir uma imagem, fiel cópia da da Fátima.

Organisámos então uma comissão para realizar a primeira (segundo crê) festa em honra de Nossa Senhora de Fátima em terras de África, e para que tivesse maior brilhantismo, fez-se pela primeira vez o Mês de Maria, e a 13, comemorando a festa que constou de Missa cantada e primeira Aparição na Fátima, fez-se o sermão.

Após a Missa foram distribuídos o Santo Crisma a centenas de crianças e alguns adultos, não havendo memória até hoje de se ter juntado tanta genté nesta pequenina e encantadora Igreja desta linda

terra africana. Vieram dezenas de automóveis e camionetes das localidades mais próximas, para assistirem a essa modesta e encantadora festa religiosa, que deixou as melhores impressões em todos aqueles que tiveram a dita de a ela assistir.

E que linda estava a SS.ma Virgem! No seu trono profusamente ornamentado das mais lindas flores, e com o seu meigo é terno olhar parecia envolver todos no mesmo amplexo de paz e amor que irradiava em torno de si como a prometer que d'ora avante teriam uma Protectora a quem recorressem.

Desde Maio que se celebra todos os dias 13 a Missa em sua honra, e está sempre a Igreja cheia de devotos de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

Um estudo interessante

Uma excelente filha de Maria foi uma vez consultar o seu bom e velho Pároco e Director da Congregação, para lhe pedir conselho sobre o futuro de sua vida.

— Meu Reverendo Padre eu não sei, que faça: umas vezes sinto atractivos pelo casamento, e outras pela vida religiosa. Um belo e excelente rapaz, de boa família e muito bem prendado, anda a roquestar-me: eu, porém, creio que o meu coração pende para o claustro; ajude-me com seus conselhos, que eu soffro com esta indecisão.

O velho e experimentado sacerdote, ouvindo-a falar com tanto calor daquele «importuno», compreendeu tudo e arvorou-se em Salomão. Tomou de uma bengala que lhe ficava perto, po-la em pé, e, dirigindo-se à amavel consulente, fez-lhe esta proposta: se a bengala cair para o meu lado, ireis para o convento; se cair para o vosso, casareis.

E conservava a bengala inclinada para si.

— Mas, Padre, protestou a jovem com vivacidade, a bengala não está a prumo!

— Minha filha, voltou o bom do Padre, casai-vos.

Casou-se e fez bem; a boca falara pelo coração.

Um bom exemplo

(Recordações dum pároco)

Em um certo dia, como tantas vezes me acontece, fui acompanhar um cadáver à sua última morada.

Voltando-me em certa altura, deparo com dois jovens soldados, de boné na mão, a acompanhar o caixão.

Quem os visse passar pensaria que era algum parente ou algum camarada que ia a enterrar.

Mas estavam há pouco tempo no quartel e o pobre defunto, natural não se sabe donde, tinha entrado apenas algumas semanas antes no hospital e por isso devia ser-lhes inteiramente desconhecido.

Percorridos os quasi dois quilómetros que separam o hospital do cemitério e que chegámos à beira da cova, os dois militares ajoelharam e via-se que iam murmurando as suas orações, enquanto eu resava as orações do ritual.

A saída do cemitério tive ocasião de me aproximar deles e de os felicitar pela sua boa conduta.

«Fizestes uma boa acção (lhes disse eu), Deus a viu melhor que o mundo e vos recompensará por terdes acompanhado este pobre ao cemitério».

— Que quere Vossa Reverência? (respondeu um deles), vimos que ninguém ia a acompanhar. Lembrámo-nos que também um dia, nós, poderemos descer à terra abandonados e unimo-nos a V. Rev.cia na esperança de que Deus inspiraria a algumas pessoas o pensamento de virem resar por nossas almas».

Apertei-lhes comovidamente a mão e fui redigir esta meia dúzia de linhas.

IMPORTANTE

Objectos perdidos na Fátima

Encontram-se na FÁTIMA, na barraca dos jornais, muitos objectos achados e entregues alguns já ha anos.

Alguns estão já estragados; outros vão-se estragando com o pó, humidade, etc.

Para que não acabem de se estragar ali inutilmente os que não forem procurados até ao dia 13 (treze) de Abril serão considerados como abandonados e apoz esse dia distribuídos pelos pobres.